

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO
SOCIAL CURSO DE JORNALISMO

HELLEN SANTOS PERUCCI

PELOS ALAMBRADOS DO FUTEBOL AMADOR EM ANTÔNIO PEREIRA

Crônicas, memórias e afetos

Produto Jornalístico: Livro de crônicas

Mariana
2022

HELLEN SANTOS PERUCCI

PELOS ALAMBRADOS DO FUTEBOL AMADOR EM ANTÔNIO PEREIRA:

Crônicas, memórias e afetos

Memorial descritivo apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Bravin

Mariana
2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

P471p Perucci, Hellen Santos.
Pelos alambrados do futebol amador em Antônio Pereira [manuscrito]:
Crônicas, memórias e afetos. / Hellen Santos Perucci. - 2022.
40 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Bravin.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Crônicas brasileiras. 2. Futebol - Ouro Preto (MG). 3. Memória
coletiva - Ouro Preto (MG). I. Bravin, Adriana. II. Universidade Federal de
Ouro Preto. III. Título.

CDU 796

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Hellen Santos Perucci

PELOS ALAMBRADOS DO FUTEBOL AMADOR EM ANTÔNIO PEREIRA:

Crônicas, memórias e afetos

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Aprovada em 21 de junho de 2022

Membros da banca

Profa. Dra. Adriana Bravin - Orientador(a) - Universidade Federal de Ouro Preto
Profa. Dra. Hilla Bernadete Silva Rodrigues - Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares - Universidade Federal de Ouro Preto

Adriana Bravin, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 01/07/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Bravin, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 01/07/2022, às 18:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0356003** e o código CRC **C98F9874**.

Dedico este trabalho aos meus pais Mirtes e Odair e aos meus padrinhos Nilce, “Dinha”, e Niquito, “Padrim”, aos meus afilhados Valentinna e Conrado, à Cardiopediatria da Santa Casa de Ouro Preto e à comunidade de Antônio Pereira. E ao meu eterno amigo Yuri Lopes, que, do céu, tenho certeza que deu forças para que tudo desse certo.

AGRADECIMENTOS

Do sonho à concretização, este trabalho contou com muito apoio e afeto. Primeiramente, agradeço a Deus e a intercessão de Nossa Senhora da Lapa, e a cada uma das pessoas que fez parte desta produção: aos meus pais, Mirtes e Odair, que não mediram esforços para que o sonho da graduação em Jornalismo se realizasse, aos meus padrinhos “Dinha” e “Padrim”, Nilce e Niquito, respectivamente, pelos momentos de colo, carinho e pelos ensinamentos das mais belas virtudes. Aos meus amigos de graduação, em especial: Letícia Cristina, Regiane Barbosa, Paulo Eduardo e Thaís Domingos, que estiveram ao meu lado em todos os momentos, seja no presencial ou no remoto. Agradeço também à Lavínia Torres, pelo apoio nas composições deste trabalho. À galera da Rádio Real FM, que fez com que o Jornalismo se tornasse mais que uma paixão, e aos demais amigos, que me disseram que daria tudo certo. E não poderia deixar de agradecer a comunidade de Antônio Pereira e a todos que se disponibilizaram a dar entrevistas e ceder um pouco de seu acervo para a composição do presente produto. E, por fim, agradeço à minha orientadora Adriana Bravin, por acreditar neste projeto, pela didática e pelos momentos de apoio e confiança.

“Como melhor posso subir aquela montanha? Apenas suba, sem pensar em tal façanha” - Friedrich Nietzsche

RESUMO

O livro de crônicas intitulado “Pelos Alambrados do Futebol Amador em Antônio Pereira: Crônicas, memórias e afetos” traz o cotidiano desse esporte amador no distrito de Ouro Preto (MG) e sua relação com a comunidade, nas décadas de 1960/1990 até a presente década de 2020, somados à escrita de relatos da autora a partir de suas experiências enquanto torcedora e fotógrafa das partidas. A produção baseia-se em entrevistas e nas lembranças trazidas pelas fontes, e tem como centralidade, estudos sobre a crônica como gênero entre o Jornalismo e a literatura, a crônica esportiva e a relação dessa com a memória.

Palavras chave: futebol; amador; Antônio Pereira; crônica; memória;

ABSTRACT

The chronicles book entitled “Pelos Alambrados do Futebol Amador em Antônio Pereira: Crônicas, memórias e afetos” brings the routine of this amateur sport on Ouro Preto’s district and it’s relationship with the community, on the decades of 1960/1990 until the present decade of 2020, added to the author’s writing of reports from her experiences as a fan and photographer of the games. The production is based on interviews and memories brought by the interviewees, and has as its centrality, studies on the chronicle as a genre between journalism and literature, the sports chronicle and its relation with memory.

Keywords: soccer; amateur; Antônio Pereira; chronicle

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I – Crônica: O Botafogo e eu, de Paulo Mendes Campos	40
ANEXO II - Registro dos documentos da Liga Esportiva Ouro-Pretana sobre a criação do Nacional de Antônio Pereira	42

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Ata de criação do Nacional de Antônio Pereira	42
Figura 2: Estatuto do Nacional de Antônio Pereira. Documento obrigatório para filiação na Liga	42

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
----------------------------	----

1.1 A crônica: Um gênero entre a Literatura e o Jornalismo	14
1.2 A crônica esportiva	18
1.3 Crônica e memória	20
2. O FUTEBOL NO BRASIL	22
2.1 A profissionalização do futebol	23
2.2 O futebol amador	25
3. PAUTA ESTENDIDA	26
3.1 O que tem no futebol amador	28
3.1.1 Ao futebol de várzea com carinho	29
3.1.2 O árbitro da várzea	29
3.1.3 O cachorro	29
3.2 Histórias que passaram pelas quatro linhas	30
3.2.1 Anedota do Infiel	30
3.2.2 Ao vivo na Ilha da Magia	31
3.2.3 Segue o jogo!	31
3.2.4 A nova visão do campo	31
3.3 Pereirão e Nacional Futebol Clube: 4 linhas, 11 jogadores e infinitas histórias	33
3.3.1 Nacional de Antônio Pereira	33
3.3.2 O Jogo virou	33
3.3.3 O costurador	34
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
5. REFERÊNCIAS	37
ANEXOS	40

INTRODUÇÃO

Futebol Amador. Futebol de Várzea. Pelada. Esses são alguns dos apelidos dados ao esporte quando praticado de forma recreativa, longe do universo das compras e vendas milionárias de jogadores e do alto luxo das partidas de campeonatos tradicionais. Normalmente, o futebol amador tem regras mais flexíveis e os campos têm estruturas simples. Os times são criados por grupos de amigos que têm proximidade de moradia e os campeonatos podem ter como premiação: um belo troféu patrocinado pelo poder municipal ou alguma bebida (refrigerante ou cerveja) que o time derrotado tem que pagar ao time vencedor.

Nos bairros afastados de atividades culturais e de lazer, essas partidas podem ser tratadas como ferramenta de entretenimento para atletas e moradores, visto que são criadas torcidas organizadas e rivalidades entre clubes de diferentes ruas. Quando os jogos acontecem, muitas pessoas se dispõem a assistir, o que torna o “domingo do futebol” parte do cotidiano das pessoas pela possibilidade de recreação no lugar em que moram, e o campo se torna um plano de fundo para a construção de laços e de memórias.

Essa é a centralidade da produção do livro: “Pelos alambrados do futebol amador em Antônio Pereira: Crônicas, memórias e afetos”, que busca, tendo como recorte o distrito de Ouro Preto, localizado há 18,6 km de distância da cidade sede. Além do futebol, recorte deste trabalho, o local possui a mineração como principal fonte de renda das famílias, já que o minério de ferro atrai empresas e para a extração e conseqüente obtenção de lucro. No turismo, a Gruta de Nossa Senhora da Lapa atrai romeiros e peregrinos em virtude dos relatos de milagre que envolvem os devotos da Mãe de Deus, conforme a crença cristã.

Dessa forma, a produção busca contar a história e as relações de afeto dos moradores pelo futebol amador do local, através de impressões minhas e de entrevistas com personagens marcantes, somada à tentativa de preservação das memórias que envolvem o Estádio Manoel Furtado ou Campo do Pereirão, numa comunidade envolta Barragem de Doutor e que é impactada todos os dias, direta e indiretamente, pelas obras de descomissionamento dessa estrutura de contenção, ou seja, o processo em que acontece a drenagem e retirada dos rejeitos de minério para que, posteriormente, a barragem deixe de existir. As obras têm previsão de duração de cerca de 8 anos.

Posto isso, o livro de crônicas traz a memória como ponte entre o passado e o presente, em que os sons e a paisagem no entorno de um lugar, antes de lazer, mudaram de repente trazendo saudade e medo.

Para perpassar os momentos históricos e o atual, o livro é dividido em três capítulos: o primeiro traz uma descrição de elementos tradicionais no esporte amador; o segundo faz um

compilado de vivências pessoais e observações enquanto torcedora e fotógrafa das partidas; e o terceiro, é dedicado ao clube tradicional Nacional de Antônio Pereira, com desabafos e histórias.

O presente recorte tem como objetivo responder à questão de pesquisa: Como a subjetividade e o diálogo com a literatura, em especial o gênero crônica, podem ser utilizados junto à apuração jornalística para descrever memórias e espaços através da construção de um livro de crônicas a respeito do futebol amador de Antônio Pereira? Para tanto, no primeiro momento, foram estudados conceitos como: jornalismo e literatura; a crônica; a crônica esportiva e a memória. Também foi abordada uma breve perspectiva histórica sobre o futebol e, em especial, sobre o futebol amador. Para responder o problema de pesquisa, decidi que as entrevistas seriam feitas em campo, literalmente.

“Devo levar uma cachaça?”. Essa foi uma das perguntas que fiz aos meus amigos quando decidi realizar as entrevistas pessoalmente para compor este trabalho e tal expressão, muito comum em Minas Gerais, e que remete à informalidade e longas tardes de conversa, foi a primeira coisa que passou em minha mente. Por vários dias me peguei pensando em como fazer um trabalho completo e, para isso, as fontes precisavam ficar confortáveis, se sentirem à vontade para me contar os bastidores desse universo tão rico e vasto que é o futebol amador! Cogitei cenários como: casa das fontes, minha casa, praça, barzinho, açai, pensei em criar um cenário semelhante ao dos famosos *podcasts*... e por fim, ficou decidido que as entrevistas aconteceriam no Campo do Pereirão, afinal, em que outro lugar poderia ser? Repito: a ida ao campo foi, literalmente, a campo.

Cenário decidido, criei grupos no *WhatsApp* e marquei as conversas que, com exceção do Helvécio (entrevistado em sua casa) e do Roberto Santos (entrevistado em minha casa), aconteceram, com ajuda do meu amigo Igor Lino, no Estádio Manoel Furtado, nome que o leitor ou leitora acompanhará por muitas vezes durante este trabalho e, partindo de um local tão específico, espera-se que os leitores rendam-se às memórias de suas próprias realidades, que rememorem experiências próprias, independentemente de onde estiverem.

Antes de introduzir o assunto principal pelo qual convidei as fontes, vi que era importante “(...) dedicar alguns segundos comentando a vista da janela ou um episódio que nada tem a ver com a entrevista”, pois, dessa forma, isso “só irá melhorar os resultados do encontro” (OYANA, 2012. p. 25), ou seja, uma forma de quebrar o gelo e tornar a entrevista algo agradável para a pesquisadora e a fonte de informação.

A escolha do cenário, acredito eu, contribuiu muito para ativar incríveis memórias em cada um que topou, com muito carinho e confiança, participar deste projeto. Uma técnica que usei foi: ao final da entrevista, sempre perguntava se tinha algo que não perguntei e que a pessoa gostaria de contar, ou, após resumir com minhas palavras o que foi dito, perguntava, também, se havia algum complemento. Com essas duas perguntas, conseguia o “pulo do gato” algumas das vezes, e a sonhada interjeição “ah!” aparecia e mais detalhes do esporte bretão de Antônio Pereira compunham meu trabalho.

No total, o produto experimental resultado desta pesquisa traz nove crônicas distribuídas em três unidades ou capítulos. A curadoria para seleção ocorreu de acordo com a proposta inicial do produto e com as informações creditáveis cedidas pelas fontes.

1.1 A Crônica: Um gênero entre a Literatura e o Jornalismo

Na linguagem jornalística é comum que o ato de informar seja associado às notícias de apuração rápida, com o objetivo principal de responder às perguntas do *lead* (O quê? Quem? Como? Onde? Por quê?), estilo de construção textual importado dos Estados Unidos que chegou ao Brasil na década de 1950 (CLEMENTE, 2005). Contudo, existe a possibilidade de reportar um acontecimento buscando fatos que podem ir além dos curtos *deadlines* do jornalismo diário. E assim, desdobrar as apurações em detalhes que carregam, além das informações, impressões pessoais e observações, fazendo do repórter um personagem ativo na construção da narrativa. Essa característica subjetiva é reconhecida como um dos aspectos do Jornalismo Literário ou *New Journalism* (RITTER, 2013).

Essa tendência nasceu nos Estados Unidos, na década de 1960 e ocupava os cadernos dominicais dos jornais americanos. Jornalistas como Gay Talese, Tom Wolfe e Truman Capote são considerados pioneiros na prática da apuração que pode levar anos para ser concluída. Ritter (2013) cita o livro *A mulher do próximo*, de Gay Talese, que levou anos para que a apuração fosse concluída e que o autor obtivesse acesso a objetos pessoais das suas fontes.

Nesse universo, o jornalismo não deixa de ter o compromisso com o factual, dados oficiais e de responder perguntas que inquietam as pessoas (RITTER, 2013). Mas, utiliza de recursos estilísticos da Literatura para destacar personagens, contar histórias mais detalhadas e possibilitar novas formas de relatar determinados acontecimentos, favorecendo ainda mais o leitor. É o que define Castro (2010):

Jornalismo Literário é, portanto, o jornalismo contextualizado com os vários campos do conhecimento humano. É, por isso mesmo, um tipo específico do fazer jornalístico que não exclui a princípio nenhum recurso metodológico ou narrativo: diálogos, perfis, contos, cordéis, entrevistas, poesias, pingue-pongues, crônicas, matérias informativas convencionais, relatos na primeira pessoa, notinhas, cartas, ensaios, artigos, fragmentos, tudo ou quase tudo é permitido desde que se saiba usar com talento, engenho e bom senso (CASTRO,2010, p. 39, grifo nosso).

Como sublinhado, Castro (2010) indica a crônica como um recurso narrativo do jornalismo literário, uma vez que essa faz parte do amplo leque de possibilidades narrativas de se contar um fato ao público. Jorge de Sá (1992) também a define como jornalismo literário e levanta semelhanças com as notícias diárias, pois ambas demandam apuração e duram, normalmente, 24 horas, o equivalente à edição do jornal impresso. “Nesse contexto, a crônica também morre nessa transitoriedade, dirigindo-se inicialmente a leitores apressados que leem nos pequenos intervalos da luta diária, no transporte ou no raro momento de trégua que a televisão lhes permite” (SÁ, 1992, p. 10).

Ao traçar o panorama histórico da crônica no Brasil, Sá (1992) atribui a Pero Vaz de Caminha o papel de primeiro cronista a se interessar pela paisagem brasileira, já que sua famosa carta, destinada ao rei de Portugal, descreve o encontro dos europeus com o “Novo Mundo”, apresenta impressões pessoais do escrivão e a recriação do que foi presenciado naquele momento histórico. Sá concorda que “o texto de Caminha é criação de um cronista no melhor sentido literário do termo, pois ele recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes, naquele instante de confronto entre a cultura europeia e a cultura primitiva” (SÁ, 1992, p. 05-06).

Posto isso, tornou-se notório que a escrita da carta, em 1500, só foi possível graças à observação direta colocada em prática por Caminha que, embora a partir de uma visão eurocêntrica, acionou termos dentro de sua subjetividade que retratavam o que aconteceu em uma parte do mundo, até então, desconhecida aos que não presenciaram a chegada de Portugal ao Brasil.

Por conseguinte, o ato de descrever um cotidiano inexplorado através da observação, análise e esboço dos personagens tornou o documento endereçado ao rei de Portugal uma narrativa carregada de experiências pessoais que também informa quem o lê. E, por isso, Jorge Sá ressalta que a descrição de Caminha se refere àquela terra, após o escriba a ter visitado: “A observação direta é o ponto de partida para que o narrador possa registrar os fatos de tal maneira que mesmo os mais efêmeros ganhem uma certa concretude” (SÁ, 1992, p. 06).

Isso remete aos fatos circunstanciais, “onde todos os elementos se tornam decisivos para que o texto transforme a pluralidade de retalhos em uma unidade bastante significativa” (SÁ, 1992, p. 06), como base para a elaboração do relato. Sá define essa como a característica principal da crônica, fazendo do cronista um narrador-repórter que faz registros de acontecimentos de acordo com suas impressões e sentimentos enquanto narrador, observador ou participante.

Tal definição recupera o debate sobre crônica enquanto gênero jornalístico, já que o autor atribui, também, como sua característica, o coloquialismo, que se trata de um recurso de linguagem mais leve e próximo ao leitor, que relata os fatos como se jornalista e público estivessem em uma conversa íntima : “O coloquialismo, portanto, deixa de ser a transcrição exata de uma frase ouvida na rua, para ser a elaboração de um diálogo entre o cronista e o leitor, a partir do qual a aparência simplória ganha sua direção exata” (SÁ, 1992, p. 11). Dessa forma, o cronista informa sem deixar de lado sua opinião e os recursos literários possíveis, tendo a observação direta e a interpretação dos fatos como aspectos dominantes.

Entretanto, referir-se ao cotidiano com leveza, personagens, coloquialismo e um toque de literatura não é uma regra, visto que cada país define a crônica de uma maneira diferente, afirma Marques de Melo (2003). Diferentemente do Brasil, em que a notícia do jornal é o motivo para a escrita da crônica - que torna o acontecimento acrescido de analogias, críticas, experiências pessoais e diálogos com o cotidiano -, em outros países, esse gênero textual é definido como a própria notícia. Por exemplo, “(...) na Itália, a crônica aproxima-se mais do sentido que, no Brasil, atribuímos à reportagem. Na França, oscila entre a reportagem setorial e o nosso colunismo. Na Espanha, combina a notícia e o comentário” (MELO, 2003, p. 149).

O que conhecemos sobre a crônica no território nacional segundo Melo (2003) teve início com Machado de Assis nos folhetins, no final do Século XIX. A participação direta em reuniões políticas e até em caminhadas pela orla, na cidade do Rio de Janeiro, onde Machado residia, eram motivo para a elaboração do texto. Isso levou a que esse gênero textual se tornasse, na década de 1930, a categoria de texto com a singularidade jornalística brasileira denominada como crônica moderna:

Se a crônica de costume se valia do real (fatos ou ideias do momento) simplesmente como “deixa” ou como inspiração para um relato poético ou para uma descrição literária, a crônica moderna assume a palpitação e a agilidade de um jornalismo em mutação. Ela figura no corpo do jornal não como objeto estranho, mas como matéria inteiramente ligada ao espírito da edição noticiosa (MELO, 2003, p. 154).

Esse fazer cronístico se caracteriza por convidar o leitor para uma espécie de “conversa” sobre a vida social em diversos aspectos, podendo ser leve ou densa, a partir da reflexão proposta nos escritos, que, em maioria, eram caracterizados pela adição de ironia e humor. Dessa forma, o cronista “atua como mediador literário entre os fatos que estão acontecendo e a psicologia coletiva (MELO, 2003, p. 155)”, o que faz com que a crônica promova identificação com o público e compartilhe os anseios e prazeres da realidade.

As diferentes formas de elaborar a crônica e os relatos do cotidiano que nela se encontram trazem consigo uma ampla discussão sobre sua participação dentro do jornalismo e do seu papel de informar. Para Melo (2003, p. 159), “a crônica preenche as três condições essenciais de qualquer manifestação jornalística: atualidade, oportunidade e difusão coletiva”.

A narrativa da crônica possui características de hibridez com a literatura e o jornalismo, apesar de caracterizar-se como um texto simples e de conversa com o leitor. Isso porque possui como ponto de partida os acontecimentos relatados no jornal, que são enriquecidos, e convida o(a) leitor(a) a uma reflexão sobre fatos complexos ou detalhes despercebidos do cotidiano, podendo ainda reconstruir, por meio da subjetividade do cronista, um momento que não foi presenciado:

(...) é o palpite descompromissado do cronista, fazendo do jornal seu ponto de partida, que dá ao leitor a dimensão sutil dos acontecimentos nem sempre revelados claramente pelos repórteres ou pelos articulistas. Daí o fascínio que a crônica exerce em relação ao público leitor, constituindo um gênero que permanece cultivado e sempre renovado no Brasil (MELO, 2005, p. 139).

Tuzino (2010) também contribui com a discussão a respeito da crônica enquanto parte do fazer jornalístico. Segundo a autora, desde que mantenha o diálogo com a verdade e com a ética, o jornalismo pode possuir uma vertente que contemple subjetividades uma vez que “a leitura de mundo oferecida por aquele que produz uma crônica é extremamente ética, na medida em que deixa evidente (...) ao leitor (de) que aquele texto é autoral, é opinativo” (TUZINO, 2010, p. 15).

A narrativa que incorpora o cotidiano pode utilizar, além de metáforas e comparações, elementos ficcionais. Porém, deve partir de um fato concreto, como afirma Silva (2018): “A crônica pode, inclusive, enveredar pela ficção, mantendo, no entanto, a referencialidade ao inserir os acontecimentos fictícios em circunstâncias que realmente ocorreram” (SILVA, 2018, p. 98). Esses acontecimentos podem ser as principais notícias do dia ou alguma cena

presenciada pelo cronista, com elementos que podem incluir a ficção, desde que parta de um fato concreto, como enfatizado pelo autor.

Ao partir de fatos verídicos na sua construção, com possibilidade de acrescentar elementos ficcionais, a crônica dialoga com o jornalismo e com a literatura em suas amplas possibilidades:

A crônica é jornalismo e literatura. Sua natureza híbrida impera nesta compreensão. É jornalística quando busca no cotidiano os fatos da vida real que são noticiosos e é literária quando se permite utilizar elementos literários (ex: criação de personagens, linguagem solta e coloquial, etc.) para construí-la (TUZINO, 2010, p. 15).

Diante disso, esse gênero textual pode compreender diversas áreas da vivência humana e suas relações com atividades do cotidiano, seja nas áreas da memória, dos afetos e do que é factual. Com possibilidade de informar, divertir e convidar seu leitor a uma reflexão sobre determinadas situações, “a crônica hoje se enquadra como gênero literário de assunto livre, de registro de pequenos fatos do cotidiano sobre política, arte, esporte e variados temas” (COSTA, NETO e SOARES, 2007, p. 15).

1.2 A CRÔNICA ESPORTIVA

Dentre as abordagens possíveis sobre a crônica como um gênero textual entre o jornalismo e a literatura, consolidou-se no Brasil a crônica esportiva, que pode abordar diversas modalidades, dentre elas, o futebol, e que ganhou cada vez mais espaço à medida que o esporte crescia em território nacional no século XX. A crônica futebolística fez com que a editoria de esportes dos jornais, que informava resultados, técnicas e contratações, também retratasse personagens, lugares, torcedores e sentimentos em relação ao que acontecia nos gramados.

A crônica, ao contrário, é, por excelência, o espaço onde a interpretação do futebol se vê livre para voos mais altos. Se nos outros espaços do jornal o tratamento dos acontecimentos esportivos é objetivo e factual, na crônica a relação entre o texto e o acontecimento esportivo (que, aliás, costuma dividir com ela o espaço de uma mesma página do jornal) é de um outro tipo (SILVA, 2017, p. 97).

Além disso, uma das características da crônica sobre futebol é a dinamicidade de temas, em que qualquer elemento dentro ou fora das quatro linhas pode ser abordado. Uma conquista de Copa do Mundo, ou uma partida em campos amadores chamada de “pelada” podem ter valores equivalentes na visão do cronista futebolístico (SILVA, 2017). Consequentemente, no universo da crônica futebolística uma conquista de um grande campeonato profissional e uma

partida de futebol amador podem ter a mesma dimensão de afetividade para quem as escreve, devido à liberdade de escolha de temas e de como abordá-los, somada à possibilidade de analogias e metáforas com as mais diversas formas de vivência e os mais variados sentimentos.

Por outro lado, segundo Costa, Neto e Soares (2007), existe uma forma de escrever a crônica esportiva a partir de análises voltadas para a tática. Essa forma se distancia da visão poética e se aproxima da opinião no jornalismo, contendo as impressões do autor, devido às análises do que aconteceu no jogo, escalações e esquemas utilizados pelo técnico que levou a vitória ou a derrota na partida em questão.

Dentro do universo da crônica que trata do assunto futebol, a figura dos cronistas esportivos deu uma característica sentimental à narrativa esportiva, isso porque “(...) O futebol, para esses cronistas, é motivo de poesia, por essa razão eles muitas vezes deslizam seus comentários do campo técnico e tático do futebol para pensar a natureza humana a partir daí” (COSTA; NETO e SOARES, 2007, p. 25). A eles estão atribuídas, a partir da união entre informação e recursos literários proporcionados pela crônica, a interpretação dos resultados e também o que a situação do time, os personagens ou acontecimentos de uma partida significam para o torcedor.

Assim, o presente trabalho se inspira em cronistas esportivos que se tornaram referência ao retratar o futebol em seus escritos: Paulo Mendes Campos e o compilado de crônicas sobre o assunto que se tornou a obra *O Gol é Necessário* (2007); O compilado de crônicas de Nelson Rodrigues, *A Pátria de Chuteiras* (2013); Fred Melo Paiva, cronista esportivo que escreveu especificamente sobre o Atlético Mineiro, no *site* Superesportes, e atualmente escreve sobre o mesmo tema para o jornal “O Estado de Minas”; Fael Lima, criador do *site* Camisa 12 e autor do livro de crônicas *A Tradução do Sentimento Alvinegro* (2013), e de *Nós vivemos, nós vencemos* (2013), com histórias dos torcedores sobre a Copa Libertadores, de 2013, em que o time mineiro foi campeão.

Como base para a elaboração das crônicas do produto deste TCC, tomarei como exemplo *O botafogo e eu*, crônica de Paulo Mendes Campos (Anexo I), escrita para a revista Manchete, edição 540, no ano de 1962 e parte da obra *O Gol é Necessário* (2007). No texto, o autor se compara ao time de futebol a que tem apreço:

O Botafogo pratica em geral o 4-3-3; como eu, que me distribuo assim em campo; no arco, as mãos, feitas para proteger minha porta; na parede defensiva, meus braços, meu peito aberto, meus joelhos e meus pés; no miolo apoiador, trabalho com os pulmões e o fígado; vou à ofensiva com a cabeça, a loucura e o coração. Falta um, Zagalo. Em mim, essa energia sem colocação definida é a alma, indo e vindo, indistinta, atônita, sarrafeada, desmilinguindo-se até o minuto final. O Botafogo é

capaz de cometer uma injustiça brutal a um filho seu, e rasgar as vestes com as unhas do remorso; como eu. O Botafogo põe gravata e vai à macumba cuidar de seu destino; eu meto o calção de banho e vou à praia discutir com Deus (CAMPOS, 2007, p. 08)

Nesse trecho, o autor faz com que clube e torcedor (ele) aparentem ser um só, de tão forte identificação entre si. Dessa forma, Paulo Mendes Campos compara seu modo de agir e de enxergar o mundo com a forma como seu clube do coração se posiciona diante das quatro linhas. A partir desses escritos temos uma outra maneira de entender o esquema tático 4-3-3, acrescido de sentimentalismo e de experiências pessoais do cronista. Assim, seguindo essa inspiração, no produto deste TCC, apresenta-se a crônica intitulada *Ao vivo, na Ilha da Magia*, em que o afeto de ser criança, os momentos de lazer e o Exaltasamba são componentes que vão além de uma simples partida de futebol.

1.3 CRÔNICA E MEMÓRIA

Para contar, através de crônicas, as experiências sentimentais e fatos marcantes que envolvem o futebol amador de Antônio Pereira, as lembranças de frequentadores e ex-jogadores dos times locais se tornaram um recurso importante. Já que, segundo Halbwachs (1990), a memória é evocada de forma coletiva, através de construções com diferentes pessoas e interesses. Dessa forma, o campo é palco de diferentes construções de memórias: frequentadores e jogadores de diferentes épocas trazem consigo uma nova perspectiva do mesmo local.

A rememoração dos acontecimentos pelos entrevistados foi o ponto central deste trabalho de conclusão de curso, posto que a maior parte dos registros sobre as partidas de futebol e de personalidades importantes na construção do esporte amador de Antônio Pereira, nas décadas de 1980 e 1990 não foram registradas em documentos oficiais, fazendo com que a memória oral se tornasse uma importante ferramenta, somada à apuração jornalística que, acionando a pluralidade, trouxe consistência e organização para os relatos.

Como observam Schmidt e Mahfoud (1993), citando o pensamento de Halbwachs:

Uma semente de rememoração pode permanecer um dado abstrato, pode, ainda, formar-se em imagem e como tal permanecer ou, finalmente, pode tornar-se lembrança viva. Esses destinos dependem da ausência ou presença de outros que se constituem como grupos de referência (SCHMIDT E MAHFOUD, 1993, p. 288).

Logo, ao se depararem com o cenário do campo que foi escolhido para a maior parte das entrevistas, jogadores remanescentes, do período anteriormente citado, se recordaram de algum detalhe, de algum fato marcante pelos arredores ou familiares, da memória de um ente querido que já se foi, como no caso da fotografia da esposa do primeiro presidente do Nacional de Antônio Pereira, o senhor Manoel Furtado. Isso faz com que momentos, até então esquecidos, voltem à memória e tragam sensação de pertencimento e de comunidade graças ao futebol amador na região. No caso das fontes entrevistadas em outros ambientes, bastou-se uma conversa bem detalhada e apresentação da proposta, para que o diálogo acontecesse naturalmente.

Em contraponto, alguns dos personagens procurados não reativaram esses momentos de relação com o esporte, porque a comunidade esportiva não é mais centralidade e um reencontro não despertou estima. Como nos lembra Halbwachs, “(..) na ausência de perturbações patológicas quaisquer, pouco a pouco nos distanciamos e nos isolamos de certos meios que não nos esquecem, mas que conservamos apenas uma lembrança vaga. (...), mas não nos interessam mais, porque no presente tudo nos afasta deles” (HALBWACHS, 1990, p. 33).

O distanciamento temporal e espacial de certas lembranças, que pode levar ao esquecimento, aciona ainda mais o papel jornalístico na construção deste Trabalho de Conclusão de Curso, visto que as histórias contadas têm necessidade de apuração e de pluralidade de vozes em virtude de que depoimentos ligados estritamente às subjetividades dos entrevistados são versões que dependem de um contexto, de uma forma de presença e do que marcou o indivíduo em dado acontecimento (HALBWACHS, 1990). Ou seja, um fato pode ser marcante para alguém, entretanto, aquela narrativa pode ser reorientada por outra pessoa da mesma história ou estar totalmente apagada da vivência de alguma personalidade mencionada.

Carece ressaltar que nas partidas de futebol dos anos 2010 em diante, década em que encontrei as primeiras reportagens sobre o futebol amador da região no canal da TV Top Cultura, emissora regional, através do Top Esportes no Youtube, em Antônio Pereira, a memória e tudo que ela implica também se tornou fundamental para a reconstrução de fatos que envolvem o futebol amador no distrito, visto que os registros da imprensa local se limitam à filmagens de gols e curtas entrevistas ao final das partidas, sem enquadramentos poéticos ou descrição de personagens como possibilitado pelas crônicas esportivas aqui mencionadas.

Aqui gostaria de prestar todas as homenagens ao repórter Jota Missias, que durante sua vida se dedicou à cobertura do esporte amador da Região dos Inconfidentes, sendo o único

radialista esportivo da região com biografia incluída na Enciclopédia do Rádio Esportivo Mineiro (PRATA e SANTOS, 2014), mesmo sem ter formação acadêmica na área.

2. O FUTEBOL NO BRASIL

Se atribui a Charles Miller a chegada do esporte no Brasil no ano de 1895, momento em que o descendente de ingleses traz ao país duas bolas de futebol para promover partidas com os sócios do São Paulo Athletic Club (CASTRO, 2019). Entretanto, existem registros de que anterior à chegada de Miller, o esporte já era praticado pelas regras inglesas nos colégios jesuítas, assim, “o papel de Miller foi impulsioná-lo para a sua organização” (ALVES e GARCIA, 2000 apud CASTRO, 2019), promovendo as partidas com torcida nos campos da cidade de São Paulo.

Miller, então com 20 anos, era filho de um engenheiro da São Paulo Railway, a companhia de ferrocarril que ligava o planalto paulista ao litoral. Ao introduzir o esporte, já difundido na Inglaterra, entre conhecidos seus e de seu pai, calhou de formar times com jogadores de uma elite, portanto, brancos (KAZ e SILVA, 2013, p. 69).

É importante salientar também que o esporte chega ao Brasil sete anos após a Lei Áurea assinada pela Princesa Isabel, em 1888, que determinou a abolição da escravatura. Assim, se torna notória a separação entre classes sociais no acesso à prática do esporte e a frequência aos estádios em seus anos pioneiros em terras brasileiras. “Pelo menos nos dez anos seguintes (após sua tradicionalização), o futebol continuou um jogo de inglês e de elite: os jogadores eram, em sua maioria, técnicos industriais e engenheiros ingleses (SANTOS, 1981, p. 13)”. Os jogadores negros só seriam incluídos no futebol a partir da década de 20, em que o Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, seria o primeiro time brasileiro a possuir em seu elenco e conquistar títulos, com jogadores “pobres e negros, oriundos das classes trabalhadoras que sem acesso até o referido período, praticavam este esporte nas várzeas e as margens da sociedade local (SOUZA, 2013, p. 08)”.

Conforme observou Joel Rufino dos Santos (1981), a parcela carente da população observava os jogos por cima do muro ou, em raros momentos, quando conseguia pagar o ingresso para o setor geral - o mais barato dos estádios -, se via excluída do espetáculo. Em comemorações de gols ou feitos emocionantes, os deuses gregos, como colocado pelos intelectuais da época, não direcionavam suas comemorações e cumprimentos a essa parcela do estádio, apenas ao seletto público de boa família.

Essa parcela da população que observava dos muros, rapidamente aprendeu as regras e técnicas daquele esporte que envolvia uma bola, alguns chutes e o gol, e cada escapada da pelota do estádio, era suficiente para que “os de fora” ensaiassem embaixadinhas e chutinhos. E assim, as camadas populares começaram a participar do futebol:

Estas rapidamente adestraram-se nos seus fundamentos técnicos, na interpretação de suas regras e na percepção de seus sentidos mais lúdicos, conferindo-lhe significados e dinâmicas sociais e originais - muitas vezes divergentes dos desígnios supostamente civilizatórios que se emprestavam à ética esportiva propalada pelos indivíduos das camadas sociais mais abastadas (TOLEDO, 2000, p. 09).

Dessa forma, muitos times “pobres” formaram-se pelos arredores, e jogadores não membros da elite passaram a ser convidados para disputar nos times mais “ricos”. Embora Toledo (2000) aponte dessemelhanças nas formas de seguimento das regras, Rufino dos Santos (1981) destaca que “a moçada tratava de imitar os grã-finos. Imitava tudo, desde a maneira de jogar até a aparência externa (...) quem era pobre e varzeano, tratava-se de virar rico e elegante” (SANTOS, 1981, p. 16).

Esses clubes logo começaram a promover seus próprios campeonatos com preços e condições mais acessíveis para os amantes e praticantes do esporte bretão. Na capital paulista, já existiam cerca de 600 equipes da várzea, nos anos 1930 (STREAPCO, 2016). Tamanha a identificação e admiração para esse que é, atualmente, o esporte mais conhecido e milionário do mundo.

E, pelo Brasil, nos anos 1900, surgiram clubes como o Corinthians Paulista, Vasco da Gama, Internacional e Atlético Mineiro, que carregam consigo, até hoje, o rótulo de “times do povo” (RUFINO, 1981), por se formarem em função de incluir as mais distintas classes sociais no universo das quatro linhas e os noventa minutos.

2.1 A PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL

Ao chegar no Brasil, a elite praticante do esporte apenas o via como uma atividade recreativa, com finalidade de entretenimento. Porém, tal visão não se aplicava mais aos clubes que vinham se formando, visto que a importância de vencer determinadas partidas fazia com que os mais diversos atletas fossem convidados a participar, tendo a gratificação financeira como uma forma de atrativo para defender determinada instituição futebolística:

Os clubes queriam atrair os melhores jogadores para seus times, e, para isso, pagavam bichos e outras gratificações para eles. O futebol já não era mais um simples esporte

praticado por amadores, o jogo ficava cada vez mais sério e disputado e, portanto, fazia-se necessário a criação de normas de profissionalização do esporte (CALÇADO e BERTUOLI, 2010, p. 04).

Anterior ao uso de atrativos monetários para a obtenção de jogadores, permanecer em determinado time estava ligado a valores afetivos, geográficos e de trabalho. E a decisão de abandonar uma agremiação partia de desavenças pessoais, mudanças de emprego ou de cidade e foi assim, “nesse cenário (e não período!), que tem origem a circulação de atletas (...)” (DAMO, 2007, p. 347).

Tem-se como referência a década de 1930 como o início da profissionalização do futebol no Brasil, “em que as entidades do Rio, a Liga Carioca de Futebol (LCF), e a de São Paulo, a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA), oficializaram o profissionalismo, em 1933” (CALÇADO e BERTUOLI, 2010, p. 04). Damo (2007), assim como Calçado e Bertuoli (2010), também correlaciona o início da profissionalização ao ano de 1933, visto que:

O acordo celebrado entre as ligas carioca e paulista, incluindo-se o ressarcimento pela transferência de atletas, inaugura não apenas uma modalidade de conchavo entre os gestores futebolísticos, assim como consolida um novo estatuto para os atletas: o de mercadorias. Desde então, um futebolista só poderá se transferir de uma instituição à outra mediante o consentimento expresso daquele que até então detinha o vínculo com o referido atleta (DAMO, 2007, p. 349).

A forte adesão do público ao ato de torcer e a presença massiva em estádios chamou atenção para o potencial financeiro da modalidade, o que também foi fundamental para a profissionalização. Logo, estados como Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro e Espírito Santo, em 1934, também aderiram a tal formato (CALDAS, 1990).

E em 1941, durante o Estado Novo, foi criado o Conselho Nacional de Desportos que visava regulamentar não somente o futebol, mas toda e qualquer prática esportiva em solo nacional. De acordo com o Decreto Lei nº 3.1999, em seu Artigo 1º: “Fica instituído, no Ministério da Educação e Saúde, o Conselho Nacional de Desportos, destinado a orientar, fiscalizar e incentivar a prática, dos desportos em todo o país” (BRASIL, 1941). E, por meio do Código Brasileiro de Futebol (1945), a profissão atleta de futebol foi se consolidando e ganhando caráter trabalhista ao longo dos anos subsequentes, conforme analisa Teixeira (2014):

Dois decretos legislativos foram determinantes para a edição da Lei 6.354/76: primeiro, o Decreto-lei n 51.820/64, que talvez fosse a primeira legislação a regulamentar de forma específica a profissão de atleta profissional de futebol, e o Decreto-lei 53.820/6, que também tratou do atleta profissional de futebol mantendo disposições do decreto anterior e instituindo o passe em nosso ordenamento jurídico, sendo estes fundamentais para a edição da Lei 6.354/76 (TEIXEIRA, 2014, p. 26).

Atualmente, as decisões referentes ao desporto passam pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) de cada estado, entidade máxima para a tomada de decisões que envolvam as violações do que fora estabelecido por lei.

2.2 O FUTEBOL AMADOR

Entende-se, então, por futebol amador, no presente trabalho, a prática desportiva que não é reconhecida como uma atividade trabalhista, envolvendo documentação, transferências, obrigações de cumprimento de carga horária e seguimento do padrão internacional de normas. Mas, sim, a atividade com finalidade recreativa e que não possui vínculos tão estreitos com o esporte enquanto ferramenta de lucratividade.

Durante a produção deste TCC, pode-se notar a utilização do termo “várzea” como sinônimo da atividade, entretanto, Myskiw e Trigger (2014) problematizam o uso do termo, que é usado para se referir a algo sem organização, fiscalização e com procedências questionáveis. Visto que, quando praticantes e organizadores queriam se referir a algo organizado e com punições exemplares, dizia-se “próximo do profissional”. No nosso presente recorte, para retratar o futebol não profissional de Antônio Pereira, utilizamos o termo “várzea” para referirmos ao fato de que:

Entre a matriz espetacularizada e a bricolada existe ao menos uma modalidade de futebol, vinculada ao tempo de lazer dos seus praticantes, realizada em espaços mais padronizados do que a bricolagem, mas sem a ortodoxia do sistema FIFA-IB. Talvez o que melhor caracterize o futebol intermediário - em boa parte do Brasil, ao menos de São Paulo em direção ao Sul é chamado de “futebol de várzea” - é a presença de quase todos os componentes do espetáculo, mas diferindo em escala... O circuito comunitário não exige dos atletas o mesmo capital corporal do profissionalismo, mas as fronteiras não são, de qualquer modo, tão poderosas quanto nas configurações bricoladas (DAMO, 2007, p. 13-14).

Assim sendo, a partir da definição de Damo (2007), o termo traz consigo a representação de um universo recreativo e sem as luxuosas estruturas que se vê em campeonatos tradicionais no Brasil como os Estaduais, o Campeonato Brasileiro ou a *Champions League*, em nível europeu. Para tanto, ao trazer como recorte o futebol praticado no distrito de Antônio Pereira e que no livro passa pela sede - Ouro Preto -, é imprescindível que se diferencie o campeonato disputado pelo Nacional e as “peladas” que ocorrem todos os finais de semana.

A primeira e a segunda divisão de Ouro Preto são campeonatos disputados por times filiados à Liga Esportiva Ouro-Pretana, a LEO, com estatuto, uniforme e seguindo critérios de

regulamentação para que, embora de forma amadora, uma estrutura de competição possa ser difundida pela cidade-sede e por seus distritos. E isso consiste em julgamentos para atitudes antidesportivas, regras próprias, premiações em dinheiro e arbitragem com os 4 membros (árbitro, dois assistentes e quarto árbitro), somado a mesários e registros documentais.

Já as partidas únicas de finais de semana, normalmente, são definidas entre representantes dos clubes que se colocam disponíveis para uma partida no sábado ou no domingo, e é bastante comum que grupos de *WhatsApp* determinem esses confrontos. Os jogos contam apenas com o árbitro principal, tendo ou não curso de arbitragem, e sem os demais auxiliares.

Em caso de cartões vermelhos ou amarelos, não existem acúmulo e nem punições posteriores e as substituições não possuem números definidos. Se acordado entre os times anteriormente, pode-se sair, descansar e retornar até a conclusão dos 90 minutos (regra imutável no universo da várzea). De forma geral, as partidas “filiadas” possuem maior apoio e patrocínio para se realizarem e os jogos de final de semana dependem dos representantes dos clubes e da iniciativa popular.

3. PAUTA ESTENDIDA

“Pelos Alambrados do Futebol Amador em Antônio Pereira: Crônicas, memórias e afetos” é um *e-book* que pretende, a partir da produção de nove crônicas, contar a história e as relações de afeto dos moradores do distrito ouro-pretano pelo futebol amador do local, através da lembrança de jogos marcantes, de personagens dentro e fora de campo e da busca pela história dos clubes que se consolidaram à medida do tempo. A proposta principal também é inspirada nos escritos de Eduardo Galeano, como o livro *Futebol ao Sol e à Sombra* (2018), que relata por diversas vezes sua aventura enquanto admirador do futebol, e por isso, além das histórias de outras pessoas, foram agregadas histórias de minha vivência enquanto moradora local.

O prefácio foi escrito pela fonte Roberto dos Santos, responsável pela coluna “Prosa na Janela”, do jornal regional Voz Ativa. E para o posfácio, convidei o editor-chefe do jornalismo da Rádio Real FM, chefe de estágio e mestre em Jornalismo Gilson Fernandes, que viu de perto todo o desdobramento até a conclusão deste *e-book*.

O livro tem três capítulos temáticos que abordam elementos do futebol amador, de forma geral, e de Antônio Pereira, em específico. O primeiro capítulo intitula-se *O que tem no futebol amador* e o objetivo é trazer os personagens que encontramos dentro e fora do campo: como o técnico, o árbitro e o carinho que se possui com o esporte. O primeiro capítulo destaca elementos em comum no futebol amador.

O segundo capítulo, *Histórias que passaram pelas quatro linhas*, tem como assuntos principais crônicas que trazem histórias curiosas e afetivas que têm o campo de futebol de Antônio Pereira, o Pereirão, como cenário principal.

E o terceiro, cujo título é *Pereirão e Nacional Futebol Clube: 4 linhas, 11 jogadores e infinitas histórias* é dedicado ao principal clube local, o Nacional de Antônio Pereira, seus jogos mais marcantes e o que o clube significa para a comunidade. Isso abrange seus principais títulos, transformações e as reviravoltas nas conquistas dos mais importantes nas divisões do campeonato de Ouro Preto. De modo geral, serão três assuntos principais: os arredores do campo do Pereirão, os sons que o circunda e a relação da população com o espaço, sobretudo após o início das obras de descomissionamento da Barragem de Doutor, em 2020, desde quando o local foi tomado por caminhões e o tráfego é constante pelos arredores.

Para a construção dessas histórias foram entrevistados:

- Gabriel Carvalho, 27 anos, o “Biel”, que conquistou títulos em todas as divisões do campeonato de Ouro Preto no time principal e no time da base.
- Roberto Santos, 52 anos, colunista do *Voz Ativa*, que jogava junto de seus irmãos quando o Nacional ainda estava nascendo.
- Helvécio Geraldo Alves, 67 anos, técnico do Nacional do ano de 2010, campeão da segunda divisão de Ouro Preto.
- Gabriel Queiroz, 26 anos, ex-jogador profissional, dirigente de uma escolinha de futebol e que participou de conquistas dos clubes pereirenses.
- Deivisson Borges, 28 anos, atleta amador e ex-profissional de futebol que se destacou no juniores, em 2016, e ganhou a primeira divisão de Ouro Preto no mesmo ano;
- Dionatas Camilo de Queiroz, 31 anos, o “Dionim”, árbitro, técnico e por vezes narrador de partidas.
- Janir Eunésio de Jesus, 51 anos, atleta da década de 1990 e membro da diretoria do Nacional de Antônio Pereira, desde o início dos anos 2000.
- Wilson Nunes, 65 anos, jogador de futebol do Nacional na década de 1960.

- Lorena Furtado, 22, sobrinha-neta do saudoso Manoel Furtado, figura pioneira para o desenvolvimento do futebol amador no distrito de Antônio Pereira.
- Igor Lino Queiroz, 26 anos, ex-atleta da categoria júnior do Nacional.
- Também foi realizada coleta de dados na Liga Esportiva Ouro-Pretana (LEO).

Para o projeto gráfico, convidei o colega da turma de Jornalismo, 18.1, Paulo Eduardo da Silva Carvalho para transformar as ideias em realidade. A capa foi feita a partir da vetorização de uma foto que eu tirei do alambrado do campo do Pereirão, em fevereiro de 2022. O título das crônicas e número indicador usam a fonte *Whip Smart*; o corpo do texto tem fonte *Latin 725 BT* e tamanho 14 pt; O título das unidades usa a fonte *Century Gothic* e os títulos das seções usam a fonte *Bahn Schrift*.

As fotos que abrem cada unidade têm seus significados e foram escolhidas para estabelecer contextos com o conteúdo de uma das três partes: Na primeira unidade, a foto é do jogador conhecido como “Juju”, o Junio Santos. Nesse dia, eu estava atuando como fotógrafa em uma partida e consegui capturar o gol de bicicleta que foi feito. As expressões faciais em cada detalhe dessa foto mostram como o futebol de várzea é surpreendente e a captura se tornou uma síntese da proposta das crônicas.

A segunda foto é do John Enzo, uma criança Pereireense, correndo atrás de uma bola perdida pelo gramado, durante o intervalo de uma partida. A foto por si só já mostra como os debilitados campos de várzea contam histórias que podem começar com crianças de 6 anos.

Na terceira unidade, temos uma foto cedida pela família Furtado do dia da reinauguração do Campo Manoel Furtado, em 2010, em que para realizar as homenagens a essa figura tão pioneira no esporte do distrito, sua esposa Odila Furtado (também *in memoriam*), esteve presente. Nada poderia representar melhor o Nacional e suas glórias do que quem lutou para que essa semente gerasse frutos.

3.1 O que tem no futebol de várzea

Esta é a primeira unidade do e-book que traz três crônicas sobre elementos bastante comuns no futebol amador que são: a rivalidade e a união coletiva, presentes na primeira crônica, o árbitro da várzea e o técnico que são figuras que se destacam tanto nos elogios quanto nas críticas pelos arredores.

A foto que estampa a unidade é do momento exato em que o jogador “Juju”, do time, joga aos sábados no campo do Pereirão. Farrapos faz um gol de bicicleta. Optei por essa imagem por uma riqueza de detalhes, seja a bola no ar, seja as reações milimétricas dos adversários ao ver a possibilidade de o que se chama no jargão popular: “um golaço”.

3.1.1 Ao futebol de várzea com carinho

Durante a curadoria para a seleção dos textos que iriam compor o produto, não poderia deixar de fora esta que foi escrita durante cinco anos de observações e rascunhos pelos bloquinhos e cadernos da vida dessa sempre aspirante jornalista. Desde minha adolescência, chegava em casa após as partidas e anotava alguma coisa que via: as festas após cada vitória, a força popular para que tudo se realizasse, o sentimento de envolvimento e carinho quando se falava em esporte em Antônio Pereira. Mas, percebi na leitura da bibliografia deste Trabalho de Conclusão de Curso, que o sentimento de luta e resistência para que o futebol e as festas dos domingos persistam, se estendem pelos cantos do Brasil.

Como na análise de Rigo, Jahnecka e Silva (2010), pelos campos de Pelotas, no Rio Grande do Sul, em que a presença popular é marcante e o futebol ganha título também de lazer. E assim, por meio dos afetos e das manifestações clássicas no espaço do campo, a crônica busca trazer ao leitor elementos que ele, com certeza, vai encontrar em qualquer campinho de terra do Brasil, partindo de Antônio Pereira.

3.1.2 O árbitro da várzea

Essa figura que presta serviços tão perigosos em prol do entretenimento não poderia deixar de ser retratada neste livro. Muitos foram os xingamentos que escutei direcionados aos árbitros de futebol e, acredito, que até quem não goste de futebol já se deparou com palavras de insultos e até histórias de agressões para a figura que tem autoridade para definir o certo e o errado dentro das quatro linhas.

E para a construção desta crônica, além das observações pessoais, fui em busca da versão de um dos árbitros mais ativos no distrito de Antônio Pereira, o Dionatas Camilo, “Dionim”, que relatou as dificuldades e a responsabilidade de ser um árbitro em meio a seus amigos, parentes e conhecidos. Uma amizade pode ficar comprometida para sempre por causa

de um cartão amarelo ou você pode sofrer agressões físicas pelo mesmo motivo (ação que evidentemente cancela o espetáculo e é punida por lei).

3.1.3 O cachorro

Figura marcante nos jogos amadores. O amigo de quatro patas está sempre presente e consegue driblar qualquer estratégia de segurança, seja por sua destreza, seja pela fofura que faz sua presença no campo algo irresistível. Muitas foram as partidas que já assisti marcadas pela presença de um cachorro nos campos amadores.

Porém, ao realizar a apuração para a composição desta crônica, notei duas coisas: as interrupções causadas pelo animal não eram restritas aos campos que frequentei, mas sim, no Brasil todo! As redes sociais estão repletas de relatos e registros em vídeo; e até a Copa do Mundo, no Chile, se rendeu às graças do Bob, durante um Brasil X Inglaterra. Não pensei duas vezes: Bob tinha que entrar na história.

De seus amigos frequentadores dos campos profissionais e amadores, ele foi o único, até o presente momento, a ser convocado para uma Copa do Mundo, e justamente na edição em que o Brasil foi bicampeão mundial. Não se faz academia com coincidências, mas o gênero da crônica nos permite acreditar e correlacionar esses pormenores.

3.2 Histórias que passam pelas quatro linhas

A segunda unidade do e-book pode ser considerada um mix de emoções. Do alívio cômico com a “Anedota do Infiel” e “Segue o Jogo”, passando pela nostalgia movida pelo CD “Ao vivo na Ilha da Magia” e, por fim, um sentimento de tristeza, finalizando com a crônica “A Nova Visão do Campo”. A estrutura desta unidade traz histórias que vivi enquanto fotografa, (quase) jornalista e frequentadora assídua das partidas por Antônio Pereira. Os textos trazem consigo a sensação de que as coisas mudam e que “o agora, no fundo é só o que se tem”, como versa Tó Brandileone, na canção *O Agora*.

A foto que abre a unidade é do morador de Antônio Pereira, John Enzo, criança ativa no esporte da região e com uma família toda dedicada ao esporte, e que brincava antes da partida com as bolas do campo quando, rapidamente, fiz a captura daquele momento. Achei um singelo gesto do que representa o universo do futebol amador, uma criança que segue os passos dos que

a antecederam rumo à (re)construção dessa forma da prática do futebol que é, também, um celeiro de sonhos.

3.2.1 Anedota do infiel

Alívio cômico. Das coisas que você está sujeita a encontrar quando tem uma câmera na mão e uma partida de futebol. Quando você se põe num lugar sensível, até mesmo um curto diálogo pode se tornar “*case*” jornalístico e te fazer refletir sobre os relacionamentos alheios, mesmo de quem você só viu uma vez na vida.

3.2.2 Ao vivo na ilha da magia

O presente trabalho se centrou, principalmente, nas memórias construídas em torno do campo e das partidas de futebol amador e, por que não, colocar uma memória minha? Nossa família tinha o forte hábito de frequentar os campos nos finais de semana e conseqüentemente, quando éramos crianças, íamos muito às resenhas pós-jogo em que tinham muito pagode e sorrisos. Fiz a analogia com comida uma vez que esses encontros sempre resultavam em deliciosos churrascos e cerveja, no nosso caso, guaraná.

3.2.3 Segue o jogo

Também alívio cômico na mesma medida que reflexiva. Nesta crônica, que nasceu após uma conversa com o Gabriel Carvalho, Igor Lino e Deivisson Borges, jogadores dos times amadores do distrito de Antônio Pereira, me propus a contar um caso sobre o jogo contra o OPTC e, ao mesmo tempo, retratar como são vistos os moradores de distritos e as piadas que são ouvidas constantemente.

Em contrapartida, a reviravolta quando os meninos de Antônio Pereira conseguiram vencer um time de iniciativa privada da cidade sede e sem marcarem faltas, como diz a lenda popular, apesar de não terem as condições adequadas para a prática do esporte, me fez refletir que o amor e a dedicação ao esporte, podem sim fazer com que se aspirem sonhos e que metas

sejam alcançadas. “O caldo do Pereira” não era mais forte, mas os moradores sempre foram esforçados e dedicados, mesmo sem a devida atenção e investimento.

3.2.4 A nova visão do campo

Confesso, dos bastidores, que a escrita desta crônica foi em meio a lágrimas. Um dia, de repente, tudo mudou em Antônio Pereira: desde a vista para as montanhas até os sons que eram tradicionais do distrito. Com o rompimento da barragem de rejeitos de minério de ferro da Vale, em Brumadinho, em 2019, a comunidade exigiu dos órgãos competentes e da prefeitura, posicionamentos convincentes sobre a estabilidade da barragem de Doutor, localizada no distrito, em que em uma escala de nível e segurança de 1 a 3, encontrava-se em nível 2, o que indica que existem anomalias na estrutura que podem ser corrigidas a longo prazo.

Em seguida, a Vale determinou que as barragens com característica a montante seriam descaracterizadas em extensas obras de descomissionamento, e isso acarretaria em remoções para os moradores das chamadas Zonas de Auto Salvamento. Nessas zonas, em um rompimento da estrutura da barragem, as pessoas que ali residem não conseguiriam se salvar, seriam atingidas imediatamente. Um misto de angústia e ansiedade tomaram (e ainda tomam) conta do distrito.

As obras de descomissionamento tiveram início no ano de 2020 e um grande volume de máquinas, intervenções e mudanças na rotina dos moradores se instalaram. Como expliquei na crônica, inicialmente, o acesso utilizado pela mineradora até onde está sendo realizada a obra do vertedouro (primeiro passo para retirar a água contida na estrutura três vezes maior que a de Brumadinho) passava dentro da comunidade, e com isso, o entorno do campo do Pereirão se tornou parte do caminho.

Não era difícil no meio de uma partida, se deparar com caminhões, ônibus, máquinas e até mesmo trabalhadores. O campo, anteriormente, era um local de diversão e de esquecer que algum problema existia. Mas, com o decorrer dessas obras, se tornou palco de “lembrança do que estar por vir”, e essa justaposição entre passado e futuro faz muito sentido já que a previsão de conclusão das obras é de quase 10 anos, posto que a mineradora, em reunião com a comunidade, em que eu estava presente, admitiu falhas na construção. A tensão é constante.

Atualmente, a empresa construiu, junto de terceirizadas, um acesso próprio para a barragem de Doutor. Entretanto, os rastros permanecem pelos entornos do campo e a sensação de que algo se perdeu e nunca mais voltará, repito, é constante.

3.3 Pereirão e Nacional Futebol Clube: 4 linhas, 11 jogadores e infinitas histórias

Última unidade do produto. Nessas 3 crônicas que finalizam um rápido percurso pelo futebol amador, após o leitor conhecer um pouco mais sobre os elementos do futebol amador e se divertir com algumas histórias que possam causar familiaridade, trouxe o recorte do time do coração pereirense: o Nacional, de Antônio Pereira.

Nessas crônicas, a apuração foi fruto de idas à Liga Esportiva Ouro-Pretana em busca de dados, de conversas com Roberto dos Santos, Helvécio, Janir Eunésio de Jesus, Wilson Nunes e da família Furtado, que cedeu parte do acervo para a composição deste produto. A imagem que abre a unidade é bastante simbólica: Dona Odila (*in memoriam*), esposa de Manoel Furtado, presencia a cerimônia de instalação da placa, informando que o estádio recém-reformado, teria o nome de seu marido que tanto promoveu o esporte no distrito.

3.3.1 Nacional, de Antônio Pereira

Essa crônica apresenta o Nacional Futebol Clube, de Antônio Pereira, ao leitor, perpassando por dados informativos que foram obtidos com as fontes e também com os dados da Liga Esportiva Ouro-Pretana, evidenciando que o fazer cronístico também exige apuração e checagem de dados. Nesse aspecto, é possível notar que o time é parte do distrito não somente pelas partidas que disputa, mas também pela ligação histórica e familiar contidas desde sua fundação.

3.3.2 O jogo virou

Casos emocionantes de rivalidades que só os campeonatos amadores possuem! Imagina ter a chance de virar o jogo contra o maior rival? Foi exatamente isso que aconteceu entre Nacional de Antônio Pereira e Samisa, valendo a classificação para a final do campeonato da Segunda Divisão de Ouro Preto, o que seria um título inédito para ambas as equipes.

E, sem esperanças, como num filme, o Nacional virou a partida “na casa” do adversário. Fiz questão de apurar fatos importantes que marcaram aquele ano porque esse evento foi equivalente as ruas de Antônio Pereira: muita festa, oração e agradecimento às entidades religiosas!

Nos bastidores, Nacional e Samisa tratava-se de um clássico que representava a distância social entre Antônio Pereira e Vila Samarco, já que essa última foi construída para receber funcionários de alto poder aquisitivo que vinham trabalhar na Samarco, então, mais que um jogo entre times do mesmo distrito, estavam ali, em campo, as distâncias entre dois universos (como nos primórdios do futebol, no Brasil). Atualmente, dos patrimônios da memória local, o clássico Nacional x Samisa faz parte deles, já que devido ao Clube do Samisa estar na Zona de Auto Salvamento da Barragem de Doutor, o campo foi extinto e o time também.

3.3.3 O costurador

Esta crônica sintetiza a contextualização teórica sobre o futebol, sua chegada ao Brasil e as diferenças sociais que podem ser notadas nesse esporte. E tudo se passa pelos gramados de Antônio Pereira quando meninos queriam brincar ou disputar campeonatos pela região de Ouro Preto, mas o material, conquistado a duras penas, se deteriorava com o passar do tempo. Mas, graças a uma figura heroica que costurava as bolas, nunca ficaram de fora de um campeonato.

De uma forma sutil e partindo de um recorte tão simples, entende-se como as diferenças sociais no futebol se mantêm por séculos. O povo segue jogando, mas conta com a dedicação de populares e de figuras que costuram bolas, promovem campeonatos, e ajudam. Na expectativa de que as notórias desigualdades sejam ao menos “remendadas”, com carinho e afeto. Mas, nesses escritos, temos a comprovação do que a bibliografia levantada nesta pesquisa nos ofereceu sobre a “distribuição desigual do futebol” e de como os arredores resistem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do produto experimental “Pelos Alambrados do Futebol Amador em Antônio Pereira: Crônicas, memórias e afetos”, teve como objetivo entender como a apuração jornalística e a subjetividade podem estar presentes em crônicas que descrevem espaços, memórias e cotidiano, estabelecendo, assim, um diálogo entre jornalismo e literatura.

Dessa forma, pôde-se concluir que os elementos literários da crônica não excluem o jornalístico, que pode ser agregado junto ao gênero textual, e ambos podem, com êxito, se completarem. Já que para a construção do enredo, tempo e apresentação de personagens (elementos literários), uma apuração sobre a origem dos times, fatos históricos, checagem de datas e personalidades foram necessárias para que o *e-book* se tornasse, de fato, fonte de informações e de memória.

Ainda que o cenário principal parta de um distrito ouro-pretano, os recursos ofertados pela crônica, da forma realizada no Brasil, tais como metáforas, alusões históricas, humor e infinitas possibilidades de referências, trazem, a partir de um recorte, a familiaridade do leitor com situações semelhantes independentemente de onde estiver. E, mesmo que técnicas não sejam dominadas, esses recursos podem trazer fácil entendimento, não apenas ao se falar de futebol, mas em qualquer editoria que o repórter pretenda trazer, com sua visão - deve-se deixar claro-, seu entendimento, as consequências e possíveis desdobramentos de determinado fato.

O estudo da memória se tornou fundamental para a elaboração dos textos. E fez-se primordial também, para estruturar as entrevistas necessárias para que as crônicas fossem escritas. A memória e seu conceito ao trazer o histórico numa produção jornalística são um importante ponto de partida para a apuração. Visto que a rememoração se modifica ao passo em que a fonte pôde estar presente de diversas formas e perspectivas no mesmo local e na mesma história. Ou suas recordações não serem pontuais sobre o assunto, época ou fato, e, sobretudo, porque narrativas mudam conforme o interesse de quem as conta.

Por isso, ao basear seu trabalho em recordações, o jornalista, conforme observei durante a construção do presente trabalho de conclusão de curso, deve tê-las como ponto inicial de onde ir para a busca de informações concretas e registros. A pluralidade também se torna ferramenta imprescindível para a construção cronística. Destaque para a confirmação na Liga Esportiva Ouro-Pretana, LEO, de que o Nacional de Antônio Pereira foi, de fato, fundado em 1966, porém registrado em 1994.

Cada informação checada e confirmada era muito celebrada, porque a história de famílias e do distrito estava sendo “organizada”, um dever do jornalismo e um retorno de uma Instituição Federal para com a comunidade.

Além do conhecimento teórico adquirido nos campos da crônica, da literatura, do jornalismo literário e da memória, também foi necessário o conhecimento sobre a crônica esportiva, seus principais escritores e de como ela se enquadraria no jornalismo esportivo. Isso somado a uma contextualização histórica de como o futebol amador, como conhecemos hoje, foi se formando pelos arredores da elite brasileira que praticava o esporte como forma de entretenimento. E, ao mesmo tempo, de exclusão das classes sociais menos favorecidas ou prejudicadas pela desigualdade latente num Brasil que aboliu a escravidão sete anos anteriores à chegada do esporte, mas não possibilitou formas de reintegração e de inclusão.

Das dificuldades, sem dúvidas, foram a curadoria dos textos que compuseram o produto final e a definição de como a história seria transcrita. Conforme mencionado, a adequação das narrativas para os moldes da crônica foi baseada em escritores como Eduardo Galeano, Fred Melo Paiva, Fael Lima e Paulo Mendes Campos. Para que o real não escapasse do meu alcance e a utilidade informativa e histórica do meu trabalho, ainda que com toques humorísticos, permanecessem intactas e credíveis.

Por fim, o percurso realizado neste Trabalho de Conclusão de Curso, e elaboração de produto, buscou trazer à academia contribuições a respeito de novos recursos a serem utilizados para o fazer jornalístico, sendo a união entre crônica, jornalismo e literatura para contar histórias e resgatar memórias, aliadas a checagem e a pluralidade de vozes.

Essa não é, evidentemente, uma ideia inédita, visto que no campo acadêmico isso é praticamente inexistente, mas as contribuições para futuros estudos se fazem a partir do referencial teórico escolhido e do recorte para a contação das histórias, que evidenciam que em cada situação é dever do jornalista conhecer e reconhecer contextos, como em Antônio Pereira, que apesar do futebol ser um entretenimento, a comunidade vive cerceada pelas assombrosas incertezas quanto à Barragem de Doutor lá existente.

5. REFERÊNCIAS

- CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)**. Ibrasa, 1990.
- CAMPOS, Paulo Mendes. **O gol é necessário: crônicas esportivas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. ISBN 978-85-200-0540-8
- CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo literário: Uma introdução**. Brasília: Casa das Musas, 2010.
- CASTRO, Christiano Machado; CADETE, Matilde Meire Miranda. **Da origem e história do futebol no Brasil ao futebol amador em comunidade de vulnerabilidade social: uma incursão na literatura**. Caribeña de Ciencias Sociales, n. abril, 2019. Disponível em: <<https://www.eumed.net/rev/caribe/2019/04/origem-futebol-brasil.html>>. Acesso em: 02 jun. 2022.
- CALÇADO, Danilo; BERTUOL, Mayara Karoline. **A PROFSSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL**. ETIC-ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA-ISSN 21-76-8498, v. 6, n. 6, 2010.
- CLEMENTE, Tatiany Araújo. **A função do lead no jornalismo impresso atual**. Orientador: Prof. Severino Francisco. 2005. Monografia (Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) - Centro Universitário de Brasília, Brasília. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/123456789/1339>. Acesso em: 30 jul. 2021
- DA COSTA, F. R.; NETO, A. F.; SOARES, A. J. G. CRÔNICA ESPORTIVA BRASILEIRA: HISTÓRICO, CONSTRUÇÃO E CRONISTA. **Pensar a Prática**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 15–32, 2007. DOI: 10.5216/rpp.v10i1.198. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/feef/article/view/198>. Acesso em: 31 jul. 2021.
- DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed.; Anpocs, 2007.
- DOS SANTOS, Joel Rufino. **História política do futebol brasileiro**. Brasiliense, 1981.
- KAZ, L.; SILVA, P. C. e. **Dando tratos à bola: futebol e Brasil**. Revista USP, [S. l.], n. 99, p. 67-78, 2013. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i99p67-78. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76219>. Acesso em: 21 abr. 2022.
- LIMA, Fael. **A Tradução do Sentimento Alvinegro**. 2013
- LIMA, Fael. **Libertadores 2013: Nós vivemos, nós vencemos**. Minas Gerais: Caratinga, 2014.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 2006.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. rev. e aum. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003. 240 p. ISBN 85-85681-29-2

OLIVEIRA, Eduardo Medeiros de. **O contrato de trabalho do atleta profissional de futebol**. Direito-Tubarão, 2008.

OYAMA, Thaís. A arte de entrevistar bem. Editora Contexto, 2012.

PRATA, Nair e SANTOS, Maria Cláudia. **Enciclopédia do Rádio Esportivo Mineiro**. Florianópolis: Insular, 2014.

RITTER, Eduardo. **New Journalism: o livre amor entre o jornalismo e a literatura**. Rizoma, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 1, p. 56-70, jul. 2013. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/3459/2763>. Acesso em: 05 mar. 2021.

RODRIGUES, Nelson. **A Pátria de Chuteiras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. ISBN 978-85-209-3818-8

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1992.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. O mundo do futebol e a crônica esportiva. **Fulia / UFMG**, [S.L.], v. 2, n. 3, p. 86-106, 13 maio 2018. Universidade Federal de Minas Gerais - Pró-reitora de Pesquisa. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/13330>
<http://dx.doi.org/10.17851/2526-4494.2.3.86-106>. Acesso em: 31 jul. 2021.

SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD, M. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, [S. l.], v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993. DOI: 10.1590/S1678-51771993000100013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34481>. Acesso em: 31 jul. 2021.

SOUZA, E. D. **Futebol: Paixão, produto ou identidade cultural**. São Paulo, v. 25, 2013.

STREAPCO, João Paulo França. **Cego é aquele que só vê a bola: o futebol paulistano e a formação de Corinthians, Palmeiras e São Paulo**. Edusp, 2016.

TOLEDO, Luiz Henrique de. No país do futebol. Zahar, 2000.

TOP CULTURA, Tv, Top Esportes. **Youtube**. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLRN5tgRbNRxpA3b0myip20rutn_oDG1zd. Acesso em 29 jun. 22

TUZINO, Yolanda Maria Muniz. **Crônica: uma intersecção entre o jornalismo e a literatura.** In: Biblioteca on-line de ciências da comunicação, 2010. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=1630.

Manchete, nº 540, 1962.

6. ANEXOS

ANEXO I – Crônica: O Botafogo e Eu de Paulo Mendes Campos

O Botafogo e eu

Que partilhamos defeitos e qualidades comuns, não há dúvida. Nos meus torneios, quando mais preciso manter os números do placar, bobeio num lance, faço gol contra, comprometo, tal qual o Botafogo, uma difícil campanha.

A mim e a ele soem acontecer sumidouros de depressão, dos quais irrompemos eventualmente para a euforia de uma tarde e luminosa.

Sou preto e branco também, quero dizer, me destorço para pinça nas pontas do mesmo compasso os dualismos do mundo, não aceito o maniqueísmo do bem e do mal, antes me obstino em admitir que no branco existe o preto e no preto, o branco.

Sou um menino de um menino de rua perdido na dramaticidade existencial da poesia; pois o Botafogo é um menino de rua perdido na dramaticidade do futebol.

Há coisas que só acontecem ao Botafogo e a mim. Também a minha cidadela pode ruir ante um chute ridículo do pé direito do Escurinho.

O Botafogo tem uma sede, mas esqueceu da vida social, mas esqueceu da vida social; também eu só abro os meus salões e os meus jardins à noite silenciosa.

O Botafogo é de futebol e regatas; também eu sou de bola e de penosas travessias aquáticas

O Botafogo é um clube com temperamento amorístico, mas forçado, a fim de não ser engolido pelas feras, a profissionalizar-se ao máximo; também sou cem por cento um coração amador, compelido a viver a troco de soldo.

Reagimos ambos quando menos se espera; forra-nos, sem dúvida, um estofo neurótico. Se a vida fosse lógica, o Botafogo deixaria de levar o futebol a sério, fechando suas portas; eu se a vida fosse lógica, deixaria de levar o mundo a sério, fechando meus olhos.

O Botafogo é capaz de quebrar lanças por um companheiro injustiçado pela Federação; eu aguardo a azagaia de uma justiça geral.

O Botafogo pratica em geral o 4-3-3; como eu, que me distribuo assim em campo; no arco, as mãos, feitas para proteger minha porta; na parede defensiva, meus braços, meu peito aberto, meus joelhos e meus pés; no miolo apoiador, trabalho com os pulmões e o fígado; vou a ofensiva com a cabeça, a loucura e o coração. Falta um, Zagalo. Em mim, essa energia sem

colocação definida é a alma, indo e vindo, indistinta, atônita, sarrafeada, desmilinguindo-se até o minuto final.

O Botafogo é capaz de cometer uma injustiça brutal a um filho seu, e rasgar as vestes com as unhas de remorso; como eu.

O Botafogo põe gravata e vai à macumba cuidar do seu destino; eu meto o calção de banho e vou à praia discutir com Deus.

O Botafogo não se dá bem com os limites do sistema tático; tem que ser como eu, dramaticamente inventado na hora.

Miguel Ângelo é botafogo, Leonardo é flamengo, Rafael é fluminense; Stendhal é botafogo, Balzac é flamengo, Flaubert é fluminense; Bach é botafogo, Beethoven é flamengo, Mozart é fluminense. Sem desfazer dos outros, é com eles que eu fico, Miguel, Henrique, João Sebastião. Dostoiévski é botafogo, Tolstói é flamengo (na literatura russa não há fluminense); Baudelaire é fluminense, Verlaine é flamengo, Rimbaud é botafogo; Camões não é Vasco, é flamengo, Garrett é fluminense, Fernando Pessoa é botafogo. Sim, Machado de Assis é fluminense, mas no fundo, no fundo, debaixo da capa cética, Machado, um bairrista, morava onde? Laranjeiras!

O Botafogo é paixão, é Brasil, é confusão; Campos Paulo Mendes é paixão, Brasil, confusão.

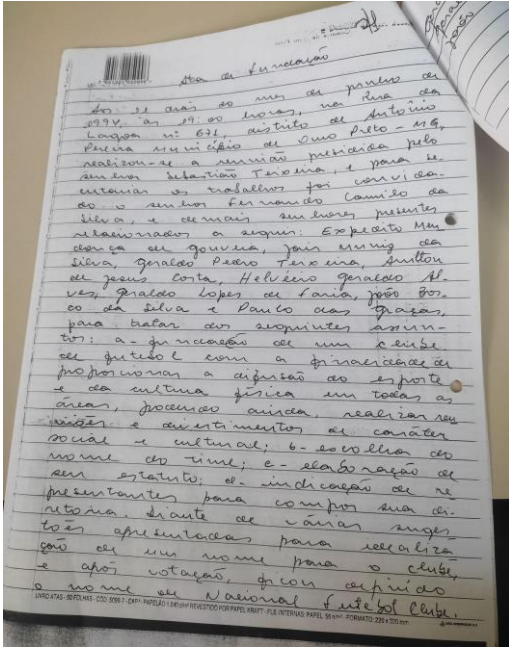
O Botafogo conquistou um campeonato esmagando inesperadamente o Fluminense de 6 a 2; uma vez, enfrentei um dragão enorme e entrei no castelo encantado. O Botafogo, às vezes, se maltrata, como eu; o Botafogo é meio boêmio, como eu; o Botafogo sem Garrincha seria menos Botafogo, como eu; o Botafogo tem um pé em Minas Gerais, como eu; o Botafogo tem um possesso, como eu; o Botafogo é mais surpreendente do que consequente, como eu; ultimamente, o Botafogo anda cheio de cobras e lagartos, como eu.

O Botafogo é mais abstrato do que concreto; tem folhas secas; alterna o fervor com a indolência; às vezes, estranhamente, sai e uma derrota feia mais orgulhoso e mais botafogo se tivesse vencido; tudo isso, eu também.

Enfim, senhoras e senhores, o Botafogo é um tanto tantã (que nem eu), é a insígnia de meu coração é também (literatura) uma estrela solitária.

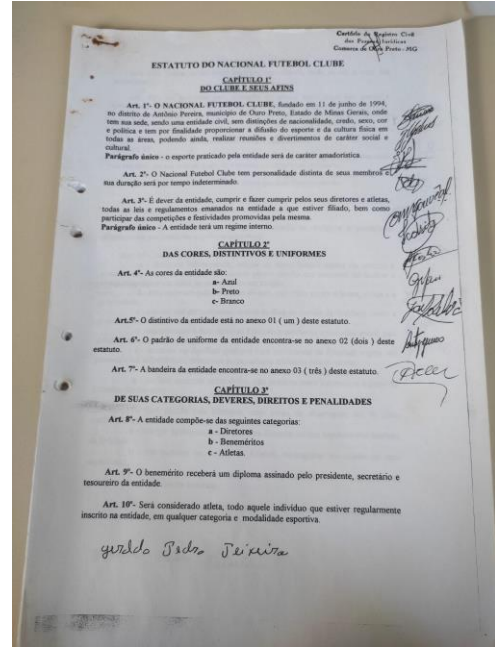
ANEXO II - Registro dos documentos presentes na Liga Esportiva Ouro-Pretana sobre a criação do Nacional de Antônio Pereira

Figura 1: Ata de criação do Nacional de Antônio Pereira.



Fonte: LEO

Figura 2: Estatuto do Nacional de Antônio Pereira. Documento obrigatório para filiação na Liga.



Fonte: LEO